

Espiritualidade na Clínica Psicológica: Contribuições do Pensamento de Viktor Frankl

Adriana Patrícia Egg-Serra¹, Adriano Furtado Holanda² e Alessandro Antonio Scaduto³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Este trabalho buscou demonstrar como o pensamento de Viktor Frankl pode contribuir para a compreensão do conceito de espiritualidade na clínica psicológica, dada a sua centralidade na obra do autor. Por meio de um estudo teórico, a investigação mostrou que, embora não haja uma definição clara do conceito de espiritualidade na psicologia, para Frankl a dimensão espiritual, na qual reside o princípio da liberdade, é característica constitutiva do próprio ser do homem. Essa dimensão possibilita ao sujeito tanto um autodistanciamento, capaz de conscientizá-lo das dinâmicas determinantes do seu destino, para fazer escolhas livres e responsáveis, quanto a autotranscendência, que o faz dirigir-se para além de si mesmo na busca de sentido. Neste aspecto, embora a dimensão espiritual não se identifique com a vida religiosa, pode abarcá-la em sua busca por um sentido último. A potencialidade desse construto suscita questionamentos acerca da alienação do tema na formação profissional.

Palavras-chave: espiritualidade, psicologia clínica, Viktor Emil Frankl, 1905-1997, logoterapia, religiosidade

Spirituality in the Psychological Clinic: Contributions of Viktor Frankl's Thought

Abstract: This work sought to demonstrate how Viktor Frankl's thought can contribute to the understanding of the concept of spirituality in clinical psychology, given its centrality in the author's work. Through a theoretical study, the investigation showed that, although there is no clear definition of the concept of spirituality in psychology, for Frankl the spiritual dimension, in which the principle of freedom resides, is a constitutive characteristic of man's own being. This dimension allows man both self-distancing, capable of making him aware of the determinant dynamics of his destiny, to make free and responsible choices, and self-transcendence, which makes him go beyond himself in the search for meaning. In this aspect, although the spiritual dimension is not identified with religious life, it can encompass it in its search for an ultimate meaning. The potential of this construct raises questions about the alienation of the theme in professional formation.

Keywords: spirituality, clinical psychology, Viktor Emil Frankl, 1905-1997, logotherapy, religiosity

¹ Especialista em Logoterapia, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* patricia.egg.serra@gmail.com

² Doutor em Psicologia e professor associado do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-graduação em Psicologia e Educação da Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* aholanda@yahoo.com

³ Doutor em Psicologia e professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* aascaduto@ufpr.br

Introdução

As relações entre espiritualidade e saúde/bem-estar/qualidade de vida têm sido profusamente estudadas e atestadas em inúmeras investigações nas últimas décadas (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Hefti, 2019; Koenig et al., 2012; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016; Panzini et al., 2007; Pereira et al., 2021). A integração deste aspecto em processos terapêuticos é, cada vez mais, um tema que precisa ser debatido (Borges, 2015; Freitas, 2014; Machado & Holanda, 2016; Marques, 2017; Neubern, 2013; Paiva, 2021). Contudo, ainda nos deparamos com um abismo considerável a ser atravessado para efetivar a real inclusão da dimensão espiritual na atenção à saúde, especialmente na Psicologia — com as devidas implicações no campo da formação profissional (Egg-Serra et al., 2022; Holanda & Pereira, 2020; Machado et al., 2019; Paiva & Freitas, 2019; Pereira & Holanda, 2016, 2017, 2019).

No Brasil, embora tenhamos alcançado há alguns anos o quinto lugar mundial em produção de pesquisas na área de espiritualidade e saúde, com interesse crescente pela temática (Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016), ainda há uma defasagem a ser superada na divulgação desses trabalhos para além de seu próprio universo de pesquisadores. No campo da Psicologia, por exemplo, o Grupo de Trabalho “Psicologia & Religião”, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP)⁴, criado em 1997, é um dos mais antigos, produtivos e abrangentes grupos de pesquisa brasileiros (Amatuzzi, 2000, 2003; Ancona-Lopez, 2002, 2005; Giovanetti, 2002; Paiva, 2001, 2002, 2004; Safra, 2001). Apesar disso, no entanto, em estudo recente com 4.300 psicólogos de todo o país (Paulino, 2019), um maior grau de formação dos mesmos indicou menor probabilidade de crer nos efeitos benéficos da espiritualidade sobre a saúde, contrariando todo o conhecimento científico produzido recentemente na área.

Estudos sobre a formação acadêmica no campo da saúde revelam que há pouca clareza por parte dos estudantes acerca dos conceitos de

religião e espiritualidade, o que pode inviabilizar uma abertura ética e consciente aos sentidos de tais experiências (Holanda & Pereira, 2020). Mas as dificuldades não se limitam aos estudantes; docentes e profissionais também declaram que falta de conhecimento e treinamento estão entre as principais barreiras que encontram. Embora procurem pautar-se na imparcialidade no trato com questões desta natureza, muitos revelam raramente buscar conhecimento na literatura científica, limitando-se ao domínio de suas próprias religiões (Holanda & Pereira, 2020).

Seguimos engatinhando na tradução dos achados de todas essas pesquisas em termos de prática profissional (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Murakami & Campos, 2012; Neubern, 2013; Peres et al., 2007). Certamente a origem dessa lacuna é multifatorial, mas uma compreensão mais aprofundada do conceito de espiritualidade por profissionais de saúde — especialmente no campo da Psicologia, onde esse tema pode ser melhor aprofundado (Marques, 2017) — torna-se importante, para que as discussões acerca do manejo de quaisquer intervenções sejam ampliadas. Para esse fim, elegemos as contribuições do pensamento de Viktor Frankl, dada a centralidade do tema na obra do autor.

A Questão da Espiritualidade em Psicologia

O estudo do comportamento religioso pela Psicologia é tão antigo quanto o próprio nascimento desta ciência. Tradicionalmente demarcada pela criação do laboratório de Leipzig, em 1879, por Wilhelm Wundt, esta gênese foi acompanhada de perto por investigações importantes no campo da religiosidade, como nos lembra Aletti (2012): a publicação de *Psychology of Religion*, de Edwin Starbuck (1899), as análises de William James (1902) sobre as diversas formas de experiência religiosa, a busca do rigor epistemológico na exclusão do transcendente, no trabalho de Theodore Flournoy (1902, 1903), os estudos de Stanley Hall sobre a religiosidade adolescente e sobre a figura de Cristo (1904, 1917) e o próprio trabalho de Wundt, nos três volumes de *Völkerpsychologie* em que analisa o mito e a religião (Danziger, 1983; Greenwood, 2003).

⁴ Disponível em: https://www.cadastro.anpepp.org.br/grupotrabalho/view?ID_GRUPO_TRABALHO=52

A partir dos anos 1930, no entanto, dada a prevalência do positivismo na busca da Psicologia por reconhecimento enquanto ciência independente, os conflitos vividos na investigação do assunto, a dificuldade de abordá-lo “empírica” e “objetivamente”, e a influência do behaviorismo e da psicanálise, observamos o recrudescimento da relevância e interesse neste campo de pesquisa (Byrnes, 1984; Freitas, 2017). É somente nas últimas décadas que o tema tem retornado com novo fôlego, na esteira da influência social do interesse renascido pelo “sagrado” nos Estados Unidos, América Latina e até mesmo na Europa altamente secularizada (Aletti, 2012).

Com este renascimento, desponta a utilização do termo “espiritualidade”, de origem mais recente e ainda controversa (Aletti, 2012; Paiva, 2005; Paloutzian, 2003). Assim, tanto a distinção quanto as relações entre religiosidade e espiritualidade têm tomado corpo no debate entre profissionais da área nos últimos vinte anos, sem que se tenha chegado a um denominador comum. Afinal, no que diz respeito a estes conceitos e sua mensuração, embora sejam, geralmente, considerados construtos distintos, são difíceis de definir e distinguir (Lucchetti, Koenig et al., 2015).

A ideia de espiritualidade, que nasce das práticas de fé de pessoas religiosas, vem sendo redefinida e expandida. Especialmente nos países de língua inglesa, o termo tem se tornado cada vez mais frequente, influenciando quase toda literatura em Psicologia da Religião e em Espiritualidade e Saúde, majoritariamente produzida nesses lugares (Aletti, 2012). Essa nova e ampliada versão de espiritualidade vem evoluindo e sendo reorientada histórica e culturalmente para incluir aspectos não religiosos ou, até mesmo, excluir a religião por completo (Aletti, 2012; Koenig, 2012a). Embora reflita o contexto histórico-cultural no qual se dá, essa abertura tem provocado dificuldades no campo das investigações científicas. Afinal, para analisar as relações entre espiritualidade e saúde, bem-estar e qualidade de vida, o conceito de espiritualidade precisaria ser bem determinado, inviabilizando as pesquisas na ausência de definições claras e precisas (Koenig, 2012a).

Harold Koenig (2012a), proeminente pesquisador neste campo, chega a defender, inclusive, de forma pragmática, a utilização de dois tipos de definições distintas, a depender de sua aplicação. No caso da prática clínica, recomenda a utilização desta concepção mais ampliada, flexível, popular e inclusiva, baseada na busca inerente de cada pessoa pelo significado e pelo propósito último da existência. Em investigações científicas, porém, assume uma definição de espiritualidade que retoma suas origens na religião — incluindo expressões religiosas não tradicionais, a prática de crenças privadas e a busca pelo sagrado ou transcendental, mas sempre em conexão com a religião ou o sobrenatural — sem o que, para fins de pesquisa, não considera como espiritual uma crença, prática ou experiência.

Em meio a esta pluralidade de definições e interpretações, torna-se cada vez mais relevante que profissionais da saúde busquem uma compreensão mais fundamentada, para além dos significados culturalmente dados, acerca da dimensão da espiritualidade e seu lugar na vida daqueles a quem prestam seus serviços. Diante deste desafio, o pensamento de Viktor Frankl se destaca como uma possibilidade de aproximação do conceito de espiritualidade em diálogo com a psicologia. “Foi Frankl quem reintroduziu a dimensão espiritual do homem na psicologia, ocasionando uma revisão fundamental da concepção do homem”, diz Lukas (1992, p. 21). Sua teoria privilegia a centralidade da dimensão espiritual enquanto especificidade humana (Aquino, 2020a, 2020c; Lukas, 1989a, 1992).

Esperamos, assim, destacar as concepções de Frankl acerca da espiritualidade para além do universo da análise existencial e da logoterapia. Enquanto fundamento de uma prática psicoterápica, seu ponto de vista nasce no solo da atividade clínica e a ela se dirige, razão pela qual não pretendemos aqui estabelecer uma definição precisa de espiritualidade com foco na pesquisa científica. Assumindo, no entanto, a proposta de Koenig, examinar sua teoria pode nos oferecer um ponto de partida para aclarar nossa concepção clínica acerca deste construto, que vem ganhando força e relevância no atendimento ao sujeito integral, tão preconizado e tão pouco instrumentalizado em nosso campo de atuação.

Viktor Frankl e a Logoterapia

A logoterapia pode ser compreendida como uma abordagem em psicologia clínica, elaborada por Viktor Emil Frankl (1905-1997), com alicerces na fenomenologia e na filosofia existencial e aproximações com o humanismo (Aquino, 2020a). Citado como o “mais humanista dos existencialistas” (Lukas, 1989b), Frankl teve seu pensamento formado ao longo da vida e fortemente influenciado por ela, afinal, poucos homens tiveram vida e obra tão imbricadas, chegando mesmo a confundir-se, como menciona Pereira (2009). De acordo com o próprio Frankl (1946/2018a), suas experiências nos campos de concentração nazistas proporcionaram uma validação existencial de sua teoria. Na busca por uma imagem de homem mais próxima do ser humano concreto, sua perspectiva teórica e metodológica resultou em uma forma de psicoterapia centrada no sentido da vida (Aquino, 2020a; Lukas, 1989a).

Nascido em Viena, em março de 1905, em uma família judaica, desde criança Frankl se indagava sobre o sentido da vida (Aquino, 2020a). Na adolescência já estudava os escritos de Freud e se correspondia com ele; teve, inclusive, um manuscrito seu encaminhado pelo próprio Freud ao *International Journal of Psychoanalysis* (Aquino, 2020b), tornando-se a primeira colaboração de um não psicanalista ao periódico (Pereira, 2009). Ao ingressar no curso de medicina — que resultou em duas especialidades, psiquiatria e neurologia — aproximou-se também da psicologia individual de Adler, frequentando regularmente as reuniões de seu círculo, no Café Siller de Viena (Aquino, 2020b; Viktor Frankl Institut, n.d.).

Desde muito cedo, Frankl explorava a fronteira entre psicoterapia e filosofia, com foco na questão de sentido e valores (Rodrigues & Barros, 2009). Seu contato com o pensamento de Max Scheler, Kal Jaspers, Martin Heidegger, Ludwig Binswanger e Martin Buber, o levaram a considerar fundamental uma antropologia filosófica (Fizzotti, 2000). Essa aproximação fundamentou sua abordagem fenomenológico-existencial e resultou no distanciamento de uma visão mecanicista do mundo, enraizando profundamente sua visão de

homem na filosofia da existência (Aquino, 2020a). Em 1926, em uma série de palestras públicas realizadas em congressos, propôs pela primeira vez a ideia de uma abordagem para uma terapêutica centrada no sentido, usando o termo logoterapia (Frankl, 1981/1990; Pereira, 2017).

Em 1941, Frankl rascunhou a primeira versão do livro *Aerztliche Seelsorge*⁵, que estabelecia as bases de seu sistema psicoterápico (Aquino, 2020a), expressando uma originalidade científica contundente que viria a responder às conjunturas firmadas no século XX, no contexto da segunda guerra mundial (Xausa, 1986). Preso no ano seguinte pelo regime nazista, passou por quatro campos de concentração no período de três anos (Aquino, 2020b) e foi obrigado a jogar fora o manuscrito não publicado — que só seria retomado em 1945, após sua libertação, com um capítulo adicional sobre a “psicologia do campo de concentração” (Aquino, 2020a; Viktor Frankl Institut, n.d.). O texto tornou-se um dos primeiros livros publicados na Viena do pós-guerra, em 1946, tendo sua primeira edição esgotada em poucos dias (Miguez, 2014; Viktor Frankl Institut, n.d.).

Ainda em 1946, publicou também *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager*⁶, que mais tarde se transformaria em best-seller internacional. A partir daí, expandiu e refinou sua teoria, publicando vários livros. Em sua tese de doutorado em filosofia, em 1948, escreveu sobre o Deus inconsciente (Frankl, 1981/1990; Viktor Frankl Institut, n.d.). Prefaciando a terceira edição alemã do livro *Der Unbewusste Gott*⁷, no qual essa tese foi exposta, declarou que “ninguém que seja honesto e leve a psicoterapia a sério pode jamais se esquivar do confronto com a teologia” (Frankl, 1948/2017, pp. 11-12). Esta percepção reforça a possibilidade de diálogo entre psicologia e espiritualidade, incluindo seus pontos de intersecção com a religião.

A filosofia existencial de Frankl compreende a pessoa humana como um ser lançado no mundo

⁵ Algo como “Cura Médica das Almas”, em livre tradução. Em português foi lançado inicialmente como *Psicanálise e Existencialismo* e, mais recentemente, atualizado para *Psicoterapia e Sentido da Vida* (Frankl, 1946/2019).

⁶ *Um psicólogo no campo de concentração*. Lançado em português como *Em busca de sentido* (Frankl, 1946/2018a).

⁷ “O Deus inconsciente”. Em português, *A presença ignorada de Deus* (Frankl, 1948/2017).

que precisa fazer escolhas para definir-se a si mesmo (Aquino, 2020a). Evocando a expressão *unitas multiplex* (unidade múltipla), de Tomás de Aquino (1225-1274), ele concebeu o ser humano, antropológica e ontologicamente, como uma unidade multidimensional, que se apresenta em três dimensões fundamentais: física, psíquica e espiritual (Aquino, 2020b; Frankl, 1969/2020; Lukas, 1989b). Sua “logoterapia não somente pressupõe o espiritual e o mundo objetivo do sentido e dos valores, como também se serve deles para fins terapêuticos” (Frankl, 1975/1978, p. 198), considerando que, em última instância, a existência se apresenta a todo momento como uma forma de ser facultativa, sempre aberta às possibilidades do vir a ser, que se manifesta na dimensão espiritual (Frankl, 1986/2014). É precisamente esta abordagem, que amplia a tradicional perspectiva mente-corpo para considerar a existência de uma dimensão espiritual (Xausa, 2017), que nos fez eleger o pensamento de Frankl como ponto de partida para refletir acerca do conceito de espiritualidade na psicologia.

A Questão da Espiritualidade em Frankl

O pensamento conceitual de Frankl permeia toda a sua obra, podendo exprimir-se inúmeras vezes em seus escritos. Para fundamentar este trabalho, dada a extensão dessa obra, elegemos alguns textos a partir de uma revisão de literatura guiada pelo questionamento acerca da noção de espiritualidade. Realizamos, assim, um estudo teórico (American Psychological Association [APA], 2019; Demo, 2004; Silva, 2014) com foco no conceito de espiritualidade — também denominado por Frankl como dimensão noética, a fim de evitar uma fusão indevida com a ideia de religião —, que sintetizamos e discutimos no presente artigo.

Embora outras passagens que também abrangem tais conceitos possam ter sido omitidas ou eventualmente citadas, os seguintes livros foram privilegiados: por apresentarem sínteses de sua teoria, (1) *Em Busca de Sentido* (Frankl, 1946/2018a), que se constitui como uma primeira aproximação de seu pensamento, trazendo em um dos apêndices seus conceitos fundamentais; e (2) *A Vontade de*

Sentido (Frankl 1969/2020), compilado de uma série de palestras proferidas nos Estados Unidos para explicar o sistema que caracteriza a logoterapia, desenvolvendo seus pressupostos básicos e princípios fundamentais. Como uma abordagem um pouco mais específica desses fundamentos direcionada à prática psicoterapêutica, o livro (3) *Psicoterapia e Sentido da Vida* (Frankl, 1946/2019) e, por fim, pelas contribuições que oferece no campo teológico-psicoterapêutico, (4) *A Presença Ignorada de Deus* (Frankl 1948/2017).

Frankl (1948/2017, 1946/2019, 1969/2020) sempre definiu seu projeto como uma psicoterapia em termos espirituais; é preciso sublinhar, no entanto, que o conceito de espírito aqui não pode ser associado a nenhuma conotação de caráter religioso (questão que será retomada mais à frente). Esta concepção de espírito refere-se à própria condição humana de ser; àquilo que há de mais próprio no ser humano e que o distingue enquanto tal (Frankl, 1948/2017, 1969/2020). Lendo a obra de Frankl, podemos observar duas características humanas que se destacam na compreensão da dimensão espiritual: autotranscendência e autodistanciamento. É, portanto, a partir dessas duas noções que pretendemos circunscrever o conceito de espiritualidade.

Frankl acredita que embora Freud tenha feito importantes avanços na análise psicofísica da condição humana, a dimensão fundamental da espiritualidade permaneceu ignorada (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020). Essa dimensão se apresenta como um núcleo central, em torno do qual os aspectos psicofísicos se organizam, e move o ser humano em direção à busca de sentido para sua existência (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020). Assim, não seria o que Frankl denomina vontade de prazer — os impulsos instituais da libido, da psicanálise freudiana — nem o que chama de vontade de poder — os impulsos ascendentes de completude, da psicologia adleriana — uma orientação última ou motivação primeira para a vida humana (Frankl, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020).

De acordo com Frankl, tanto Freud quanto Adler falharam ao oferecer um ponto de vista que aponta na direção do funcionamento homeostático

de redução de tensões, com a finalidade de restaurar um equilíbrio interno, ignorando o fundamento antropológico da autotranscendência e sua principal manifestação, que é a vontade de sentido (Frankl, 1946/2019, 1969/2020). Para ele, uma certa quantidade de tensão, resultante do desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento — que nomeia como noodinâmica — é o que verdadeiramente o ser humano necessita. Na opinião de Lukas (1989b), inclusive, nem mesmo outras escolas de psicoterapia antes de Frank anteciparam a ideia de uma motivação humana situada além das fronteiras do indivíduo, mantendo seu núcleo em torno do eu, em busca de “reforçadores” (Psicologia Comportamental) ou autorrealização (Psicologia Humanista).

Frankl (1946/2019, 1969/2020) constrói sua visão noodinâmica sobre três fundamentos: 1) a liberdade da vontade, 2) a vontade de sentido e 3) o sentido da vida. Ele afirma que este último sempre se apresenta a cada pessoa como indagação, não cabendo, portanto, ao sujeito perguntar-se pelo sentido da vida, mas apenas reconhecer que ele próprio, na verdade, encontra-se, a cada instante, sendo indagado por ela (Frankl, 1948/2017, 1946/2018a). Desta forma, cada pessoa, questionada pela vida, é a única que pode respondê-la, e somente o pode fazer em relação à sua própria vida, assumindo uma atitude responsável e realizando o sentido próprio e singular de cada situação (Frankl, 1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020).

Este sentido próprio e singular, “único necessário”, não é um sentido abstrato, portanto, mas sempre possibilidade singular e exclusiva de uma pessoa concreta em uma situação concreta (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020), um “deveria-ser” individual que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, nem conhecido racionalmente, apenas compreendido intuitivamente (Frankl, 1948/2017, 1969/2020). É a consciência que o revela, por sua capacidade intuitiva de apreender o sentido em sua total unicidade, atravessando a dimensão espiritual no momento em que o homem, consciente de si, faz-se de objeto e reflete sobre ele mesmo (Frankl, 1948/2017, 1969/2020). “De fato, ser consciente pressupõe a exclusiva capacidade

humana de elevar-se sobre si, de julgar e avaliar as próprias ações e a própria realidade em termos morais e éticos” (Frankl, 1948/2017, p. 28). Este é, para Frankl, o fundamento do ser espiritual.

Para Frankl, o sentido só pode ser encontrado na relação do sujeito com o mundo que o cerca. É a autotranscendência, portanto, enquanto recurso noético, o que permite ao ser humano dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si, para alguma coisa ou alguém (Frankl, 1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020). Ou seja, o interesse primordial do ser humano não se volta a quaisquer disposições internas próprias, sejam elas prazer ou equilíbrio interior (ou ainda reforçadores e autorrealização, segundo Lukas), mas é orientado para o mundo lá fora, em busca de sentido (Frankl, 1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020).

O homem possui uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva capaz de intuir que a autorrealização se dá precisamente à medida em que se esquece de si próprio; e isto ocorre na mesma medida em que se entrega a uma causa à qual serve, ou a uma pessoa a quem ama, diz Frankl (1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020). O atributo essencialmente humano da autotranscendência, portanto, ao lançar o ser em busca de sentido, caracteriza sua dimensão espiritual. A própria formação etimológica do termo logoterapia — cujo radical grego “logos” tem significado amplo e foi utilizado, ao longo da história da filosofia, de diversas maneiras — compreende tanto a acepção de “espírito” quanto de “sentido” (Frankl, 1969/2020; Pereira, 2015).

Além disso, Frankl (1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020) assume que a essência, propriamente dita, da existência humana se encontra na liberdade de escolha associada à autotranscendência — que implica necessariamente em uma escolha responsável. Assim, “o ser-responsável, ou ter responsabilidade, é a base fundamental da pessoa enquanto ser espiritual” (Frankl, 1948/2017, p. 17). A natureza humana sobrepuja as determinações subjacentes à sua condição na medida em que cada pessoa pode sempre se distanciar de qualquer situação que venha a enfrentar para escolher, em última instância,

a própria atitude diante dos fatores determinantes impostos pelo destino, diz Frankl (1948/2017, 1946/2018a, 1946/2019, 1969/2020). Este é o princípio do autodistanciamento.

Resgatando sua experiência nos campos nazistas (Frankl, 1946/2018a) — onde, submetidos à privação extrema, aparentemente sem possibilidade de escolha, alguns homens revelaram-se “porcos”, enquanto outros tornaram-se “santos” —, Frankl (1946/2019, p. 167) afirma que a vida do homem é feita de uma “eterna luta que nele se dá entre a sua liberdade e o seu destino”. Por destino, aqui, entende-se o que há de fatal e inescapável na vida, aquilo sobre o que não se pode exercer influência e que foge ao poder da vontade (Frankl, 1946/2019). Segundo Frankl (1946/2019), ao ser humano apresentam-se três formas básicas de determinações: o destino biológico, o destino psicológico e o destino sociológico.

No que diz respeito ao destino biológico, Frankl (1946/2019, p. 169) sugere que, em relação à liberdade humana, este é “puro material a configurar”. Sem desconsiderá-lo, foca precisamente no que é possível atingir a partir dele. Exemplo paradigmático deste conceito é o conhecido astrofísico Stephen Hawking, que aos 21 anos descobriu sofrer de uma doença motora degenerativa, que o paralisou gradualmente ao longo da vida. Quando morreu, em 2018, aos 76 anos de idade, só conseguia comunicar-se por um dispositivo gerador de fala, acionado por um único músculo da bochecha. Hawking lutou contra a doença por mais de 50 anos sem que isto o tenha impedido de tornar-se um dos cientistas mais conhecidos da atualidade. Comentando um caso análogo, Frankl afirma que alguém assim, se tivesse apenas seguido seu “destino”, terminaria a vida por vegetar em um asilo (Frankl, 1946/2019).

Em relação ao destino psicológico, Frankl se opõe ao determinismo e à ideia de que o homem é basicamente fruto dos seus processos instintuais (Frankl, 1946/2019, 1969/2020). Ou, melhor dizendo, ao que chama de pandeterminismo, pois reconhece que “a liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, e esta é a vontade de um ser finito” (Frankl, 1969/2020, p. 26). Sem negar as contingências às quais o homem está sujeito, portanto, além da autotranscendência, Frankl acredita na capacidade

humana de autodistanciamento e liberdade para tomar uma atitude perante tais contingências, quaisquer que sejam.

Aludindo ao fato de que velejar implica em subordinar a força do vento à direção desejada para, inclusive, navegar contra ele, Frankl afirma que, se ao velejador não é possível escolher a direção do vento, o homem também não pode decidir de que forma seus instintos se apresentarão. No entanto, a partir daquilo que o acometeu, enquanto fato psicológico, pode decidir, livremente, de que modo administrará a influência da energia pulsional em sua vida, da mesma forma que o velejador, sabendo para onde quer ir, administra o vento a seu favor (Frankl, 1948/2017).

Logo, não são os instintos ou condicionamentos psicológicos em si que se tornam relevantes, mas a atitude assumida diante deles — em especial a própria capacidade de tomar esta posição, característica distintiva da humanidade (Frankl, 1946/2019, 1969/2020). “O elemento espiritual já é por definição justamente apenas o elemento livre no homem. Só denominamos desde o princípio ‘pessoa’ em geral aquilo que pode se comportar livremente — sem levar em conta que estado de coisas está em jogo” (Frankl, 1986/2014, p. 96). Essa zona de liberdade que perpassa todo condicionamento ou instinto, portanto, é estabelecida a partir da força da dimensão espiritual (Frankl, 1946/2019, 1969/2020).

Por fim, no que tange ao destino sociológico, Frankl (1946/2019, p. 176) reconhece que “o indivíduo nos surge incrustado na estrutura social” a qual, simultaneamente, o condiciona e demanda sua adaptação, cumprindo um duplo papel de causalidade e finalidade. Aqui, Frankl (1946/2019) invoca a experiência dos campos de concentração como palco para o estudo do comportamento das massas e pergunta se, diante de toda a deformação da existência humana produzida neste contexto, o homem ainda seria responsável por aquilo que o campo “fez dele”. Afinal, a extrema privação da vida nos campos gerava nos presos uma regressão à primitiva estrutura da instintividade, voltada quase que exclusivamente às repercussões da fome, modelando certa alteração de caráter típica, de apatia e irritabilidade (Frankl, 1946/2019).

O próprio Frankl (1946/2019, p. 183), tendo vivido na pele esta experiência, responde: “Mesmo num meio ambiente socialmente tão estreito como este, a despeito das limitações sociais impostas à sua liberdade pessoal, ainda resta ao homem aquela derradeira liberdade com que, dum modo ou de outro, consegue configurar a sua existência”. Ele lembra de que há exemplos suficientes — frequentemente heroicos — de pessoas que não sucumbiram às leis aparentemente onipotentes dos campos, configurando o desenvolvimento dessa sintomatologia física e anímica, supostamente fatal e inelutável, a partir do espírito. Para Frankl (1946/2019, p. 183), “sempre que alguém sucumbe às forças de seu meio-ambiente social que lhe modelam o caráter — é precisamente porque antes se deixou decair no aspecto espiritual”.

Em resumo, Frankl declara ter plena ciência, como neurologista e psiquiatra, das contingências e determinações biológicas, psicológicas e sociais impostas aos indivíduos; como sobrevivente de quatro campos de concentração, todavia, afirma-se “testemunha do inesperado grau de capacidade, que sempre permanece, de o homem resistir às piores situações, enfrentando-as corajosamente” (Frankl, 1969/2020, p. 27). Essa lacuna, intervalo que descola o ser humano da facticidade de sua condição biopsicossocial, constitui uma faceta de sua liberdade espiritual, que o eleva, projetando-o além de suas contingências, diz Frankl (1948/2017, 1946/2018a, 1955/2018b, 1946/2019, 1969/2020).

Desta forma, enquanto ser espiritual, o ser humano possui a capacidade de se autodistanciar das determinações físicas, psíquicas e sociais e escolher, de forma livre e responsável, sua atitude perante elas e apesar delas (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020). A dimensão espiritual do homem — fonte dos fenômenos tipicamente humanos e dimensão distintiva e essencial do ser — é capaz de discernir as dinâmicas de determinação e controle nas quais este se encontra inserido, emancipando-o de seus automatismos (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020).

Assim, cada ser humano tem uma existência espiritual singular e irrepetível. A condição psicofísica e social do homem pode determinar o que ele “tem”, mas nunca o que ele “é” — ou o

que pode vir a ser (Frankl, 1955/2018b). Nesta medida, autodistanciamento e autotranscendência se encontram, uma vez que o organismo psicofísico atua como suporte expressivo da pessoa espiritual, que o organiza e instrumenta, em sua busca por sentido. Ou seja, a pessoa espiritual “o forma ‘para si’, na medida em que o faz utensílio, órgão, instrumentum” (Frankl, 1975/1978, p. 117), imbuindo-o de sentido “ao integrá-lo na estrutura histórica e biográfica de sua vida” (Frankl, 1946/2019, p. 169).

Afinal, a capacidade única do ser humano de refletir sobre si mesmo e sobre sua própria existência na relação com o mundo é o que lhe impõe o problema do sentido (Frankl, 1946/2019, 1969/2020). Isto posto, retomamos essa questão para introduzir breves apontamentos acerca da fé e da religião nos escritos de Frankl, diferenciando-os do conceito de espiritualidade, com o qual invariavelmente encontram-se imbricados. Em primeiro lugar, a necessidade de sentido se constitui, para Frankl, como a mais humana de todas as necessidades humanas. Em segundo, independentemente de sexo, idade, inteligência, formação educacional, estrutura de caráter, ambiente ou religião (incluindo sua ausência), afirma Frankl (1948/2017), o sentido sempre pode ser encontrado.

No entanto, para além do sentido enquanto sentido concreto das situações com as quais uma pessoa, igualmente concreta, se vê confrontada, Frankl sustenta ainda a existência de um sentido último, mais amplo. Ele adverte, no entanto, que nesse caso, quanto mais amplo, menos compreensível será. O sentido universal da vida como um todo, para Frankl, relaciona-se com os sentidos concretos das situações cotidianas na mesma medida em que cada cena individual de um filme transmite um sentido ao espectador, enquanto o sentido do filme completo só se tornará evidente ao final da apresentação. Assim, diz Frankl (1948/2017, p. 104), “se algum dia o sentido de nossa vida nos for revelado, [...] será também somente no final”.

Para Frankl (1948/2017), o sentido último da existência escapa totalmente à nossa apreensão. Ele alega que um macaco não pode compreender o sentido de seu sofrimento quando lhe são aplicadas injeções dolorosas para obtenção de um soro contra a

poliomielite, por exemplo, porque o mundo humano simplesmente não é acessível ao animal. Com isso, Frankl infere a possibilidade de que também o mundo humano seja, ele mesmo, sobrelevado por um outro mundo, inacessível, onde o homem poderia encontrar sentido para seu sofrimento. Tal dimensão, todavia, seria intelectualmente intangível e racionalmente incompreensível, esquivando-se de qualquer abordagem científica.

Diante desta ilustração, Frankl acrescenta uma pergunta: isso significa que o mundo seria desprovido de sentido ou que a compreensão desse sentido não compete ao campo da ciência? Nessa direção, Frankl (1948/2017) torna possível conceber por que, mesmo quando algo é e aparentemente deve ser desprovido de sentido, ainda assim, “apesar de tudo, é válido acreditar em um sentido encoberto, que está acima de tudo, situado num outro plano, para dentro do qual devemos segui-lo” (p. 107). É precisamente neste ponto que “o conhecimento não tem mais utilidade e surge a fé: o que é in-compreensível (*‘un-wiss-bar’*), não precisa ser in-acreditável (*‘un-glaub-lich’*)” (Frankl, 1948/2017, p. 107).

Assim como Rudolf Otto (2007), para quem o sagrado, impronunciável e indizível, não é apreensível de forma racional, Frankl (1948/2017) confessa que é impossível descobrir intelectualmente se, no final das contas, tudo é desprovido de sentido ou se existe um sentido encoberto por trás de tudo. Assim como Ludwig Wittgenstein (1961), ao afirmar que diante da fé os fatos do mundo não são o fim da questão e aquilo que se mostra não revela a forma inteira do universo, Frankl reconhece, no entanto, a possibilidade de assumir uma decisão existencial diante dessa questão, para a qual não há uma resposta racional.

Aceitando que qualquer uma das alternativas é igualmente concebível, com argumentos pró ou contra equitativamente equilibrados, pode-se jogar o peso do próprio ser em um dos pratos da balança, decidindo-se por uma das duas perspectivas. Assim, faz-se “a opção por agir ‘como se’ a vida tivesse um sentido infinito, além de nossa capacidade finita de compreensão, enfim, um ‘supressentido’” (Frankl 1948/2017, p. 108). Nesse caso, “a fé não é uma maneira de pensar da qual se subtraiu a realidade,

mas uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existencialidade do pensador” (Frankl, 1948/2017, p. 108). O Ser último, que corresponde ao sentido último, não poderia ser, portanto, uma coisa entre as outras, mas encontra-se, de alguma forma, além do mundo. Nesta medida, diz Frankl (1948/2017), a religião serve de sistema simbólico para representar o irrepresentável, aquilo que não pode ser apreendido em conceitos ou expresso em palavras.

Alinhavando Ideias

A espiritualidade já é considerada há algum tempo como uma dimensão da qualidade de vida pela Organização Mundial de Saúde (WHOQOL SRPB Group, 2006). Seus efeitos sobre a saúde física e mental, bem-estar e qualidade de vida tem sido profusamente estudados (Koenig, 2012b; Moreira-Almeida et al., 2014). O acolhimento da dimensão espiritual, incluindo sua intersecção com campo da religiosidade, vem sendo recomendada por diversas associações psiquiátricas (Moreira-Almeida et al., 2016; Oliveira et al., 2021) e por outras mais, no campo da saúde.

A partir da concepção de espiritualidade que observamos na obra de Frankl, é possível perceber que esta dimensão não deveria ser excluída, preterida, ou mesmo ignorada, quando se trata do cuidado com outro ser humano na clínica psicológica. Afinal, a espiritualidade pode acolher o conceito de religião, mas de fato o extrapola, oferecendo um campo de atuação possível para operar de forma ética, respeitando crentes e não crentes em suas singularidades. A potência da espiritualidade enquanto recurso de enfrentamento e sua abertura à possibilidade de sentido, pela capacidade intrínseca de proporcionar autodistanciamento e autotranscendência, possuem um aspecto terapêutico inerente e inegável.

A dimensão espiritual vem sendo estudada em sua relação com os mais variados aspectos da vida, como saúde física (Guimarães & Avezum, 2007), resiliência (Mosqueiro et al., 2015), ansiedade (Carvalho et al., 2014; Lancuna et al., 2021), depressão (Peteet, 2012; Vitorino et al., 2018), dor crônica (Lucchetti, Lucchetti et al., 2015;

Moreira-Almeida & Koenig, 2008), transtorno bipolar (Stroppa & Moreira-Almeida, 2013), enfrentamento de traumas (Peres et al., 2005), consumo de drogas (Sanchez & Nappo, 2007; Silva et al., 2013), terminalidade (Balboni et al., 2007), comportamento suicida (Caribé et al., 2012; Kleiman & Liu, 2014), senso de coerência e felicidade (Siqueira et al., 2019), apenas para indicar alguns poucos exemplos. Além disso, vem sendo explorada também a aplicação de terapias e intervenções de caráter espiritual, com resultados promissores (Gonçalves, Lucchetti, Leão et al., 2015; Gonçalves, Lucchetti, Menezes et al., 2015; Hefti, 2019).

Os resultados destes e de outros tantos estudos têm apontado na direção de um impacto predominantemente positivo, com menores prevalências de transtornos e melhores resultados em termos de recuperação, bem como diminuição da mortalidade geral e melhores níveis de bem-estar, apoio social e qualidade de vida — sem diminuir a importância da incidência também de impactos negativos, que tampouco nos permitem deixá-la de lado. Somando esse fato à nossa reflexão introdutória, surgem algumas indagações incômodas: que justificativa se encontra por trás da alienação do tema na formação e da dificuldade dos profissionais da área de saúde em sua inclusão na assistência ao sujeito integral? Como explicar que o desejo dos próprios pacientes pela integração dessa dimensão aos cuidados que lhes são dispensados (Borges, 2015; Freitas, 2014; Marques, 2017) seja ignorado? Quem ou o que se interpõe entre o vasto conhecimento produzido neste campo e sua disseminação para além de suas próprias fronteiras?

Como já apontamos, há dados demonstrando a baixa procura pela literatura científica por parte de estudantes e profissionais que buscam resolver questões relacionadas à religião e à espiritualidade. A narrativa de oposição entre ciência e religião desaloja essa discussão do campo científico (Egg-Serra & Holanda, 2022). Tal situação nos faz refletir, junto com Holanda e Pereira (2020), que o campo da espiritualidade e da religiosidade “é tão ‘outra coisa’ no ambiente científico, que sua via racional e categórica acaba se tornando invisível”, resultando na incoerência de obrigar cientistas “a

descartar tudo que é da ordem do religioso, imaterial ou mesmo popular e comum” (p. 365).

Esse contrassenso, segundo os mesmos autores, se opõe aos atributos da própria ciência, na medida em que descarta a espiritualidade — extensão natural do ser humano — como seu objeto, empobrecendo a possibilidade desse saber e invisibilizando a produção científica na área, cuja existência se torna desconhecida. Ignora-se que os velhos paradigmas que separam ciência e religião estão sendo questionados (Haas, 2009) e a premissa de existência de um “eterno conflito” entre ambas tem sido desmascarada como um mito, que não se sustenta epistemologicamente e só permanece vivo no imaginário e práticas sociais (Gould, 2002; Jammer, 2000; Numbers, 2020).

Poderíamos discutir, ainda, a hegemonia de uma certa territorialidade discursiva, tanto em ambientes acadêmicos quanto em órgãos reguladores de classe, onde espiritualidade e religiosidade, quando abordadas, sempre se encontram envolvidas e até mesmo encobertas pelo manto da “neutralidade” ou da “laicidade”. Essa lógica cria um mecanismo de manutenção do status quo da alienação e do não lugar de ambas, mesmo quando aparentemente lhes oferece um espaço legitimado no universo do saber psicológico.

A armadilha desse artifício, que não se opõe ao reconhecimento do campo da espiritualidade e da religiosidade como objetos próprios da ciência psicológica, mas mina essa apropriação por meio de um discurso repleto de ideias preconcebidas e desconhecimento da literatura científica recente, cria um campo difuso, nebuloso e contraditório; este, por sua vez, reifica o sentimento de insegurança dos profissionais ao abordar o tema. Ignora-se que a presença da espiritualidade na vida dos profissionais e das pessoas atendidas por eles não pode ser deixada na sala de espera (Pargament, 2011). Ignora-se, também, que, deixando vazio um espaço que devia ser preenchido pela racionalidade científica, outras fontes de conhecimento inevitavelmente irão ocupá-lo.

Esperamos que os breves apontamentos levantados sejam capazes de nos provocar a deixar de lado um certo olhar acostumado e promover abertura ao diálogo entre psicologia e espiritualidade.

Afinal, aquilo que é dado, na medida em que está simplesmente naturalizado de forma irrefletida, pode e deve ser questionado. Esperamos que ao levantar estes questionamentos outros mais possam surgir, mobilizando uma parcela cada vez mais significativa de estudantes e profissionais. Fomentar debates e discussões, bem fundamentados no conhecimento produzido na área é a única forma de promover uma abertura ética, crítica, consciente e responsável à força da dimensão espiritual na vida concreta das pessoas aos nossos cuidados. Afinal, como nos lembra Pargament (2011), ignorar o elefante na sala não faz com que ele desapareça.

Considerações Finais

Iniciamos este trabalho dirigindo nosso olhar à dimensão espiritual do ser humano do ponto de vista psicológico e às contribuições de Viktor Frankl para compreendê-la. Buscamos, também, na medida do possível, trazer da concepção de Frankl aquilo que reconhecemos como mais essencial e, portanto, mais passível de ser extrapolado para além das particularidades da logoterapia enquanto abordagem psicoterápica específica.

A partir dos pressupostos descritos, assumimos que Frankl reconhece a influência condicionante das dimensões biológica, psicológica e social. No entanto, a existência de uma dimensão espiritual, na qual reside o princípio da liberdade (enquanto característica constitutiva do próprio ser), é precisamente o que torna seu pensamento singular. A dimensão espiritual é justamente o que permite ao ser humano se autodistanciar das dinâmicas dos destinos às quais está submetido, decidindo, de forma livre, consciente e responsável, a atitude que irá tomar perante as formas como estas se lhe apresentam.

Observamos também que a dimensão espiritual, para Frankl, se expressa ainda na autotranscendência, ou seja, quando uma pessoa se dirige para além de si mesma na busca de sentido. Para se aproximar dessa possibilidade de sentido, o ser humano pode percorrer três vias: (1) uma ação que pratica ou uma obra que cria; (2) algo que vivencia ou alguém que encontra e, por fim; (3) a

mudança de atitude com que transforma a si mesmo, diante de uma situação que não pode modificar (Frankl, 1948/2017, 1946/2019, 1969/2020).

Além disso, embora a dimensão espiritual não possa ser identificada com a vida religiosa, é no seio da primeira que se encontra o solo da segunda, em sua busca por um sentido último. Apesar desse suprassentido, diferentemente do sentido concreto de situações concretas, escapar totalmente à compreensão intelectual, o fato de ser incompreensível não implica em que seja inacreditável, afirma Frankl.

Por fim, apresentamos uma fundamentação teórica consistente, que inclui uma proposta psicoterapêutica reconhecida no campo psicológico, e que encontra suporte no que há de mais atual em termos de investigações científicas, em prol da integração da espiritualidade na prática clínica. Tal prática tem sido amplamente incentivada no campo da saúde. Diante deste quadro, não pudemos deixar de nos questionar acerca das razões que a mantém afastada do campo das discussões e da formação acadêmicas.

Nas últimas páginas de seu livro *A presença ignorada de Deus*, Frankl (1948/2017) sugere que, independentemente de nos considerarmos crentes ou ateus, é na derradeira solidão e honestidade de nossos diálogos conosco mesmos que podemos encontrar o Ser último. Afinal, diz Frankl, não é tão importante saber se nesses diálogos mais íntimos estamos nos dirigindo a Deus ou a nossa consciência. O que importa é que essa “solidão última” resulta na “honestidade última” e, neste caso, se existe realmente um Deus, certamente “ele não levaria a mal se alguém o confundisse com o próprio eu” (Frankl, 1948/2017, p. 117). Na verdade, essa é uma questão que só se apresenta na dimensão humana, que em sua arrogância travestida de intelectualidade, racionalidade e independência opta por alienar o que é da ordem do incompreensível e inexplicável, fechando os olhos para elefante metafórico, (des)confortavelmente alojado no sofá de sua sala.

Referências

- Aletti, M. (2012). A Psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva (Eds.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a psicologia* (pp. 157–190). Universa.
- Amatuzzi, M. M. (2000). O desenvolvimento religioso: análise de depoimentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 17(3), 43–66. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2000000300005>
- Amatuzzi, M. M. (2003). A legitimidade psicológica da linguagem religiosa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 20(1), 61–71. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2003000100006>
- American Psychological Association. (2019). Publication Manual: Seventh Edition.
- Ancona-Lopez, M. (2002). Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 19(2), 78–85. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000200005>
- Ancona-López, M. (2005). A espiritualidade e os psicólogos. In M. M. Amatuzzi (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 147–159). Paulus.
- Aquino, T. A. (2020a). Espiritualidade e transcendência na perspectiva de Viktor Frankl. *Aufklärung: Journal of Philosophy*, 7(esp.), 65–72. <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56740>
- Aquino, T. A. A. (2020b). *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl*. Paulus.
- Aquino, T. A. A. (2020c). A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl e suas implicações sociopolíticas. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 19(3), 267–277. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a16>
- Balboni, T. A., Vanderwerker, L. C., Block, S. D., Paulk, M. E., Lathan, C. S., Peteet, J. R., & Prigerson, H. G. (2007). Religiousness and spiritual support among advanced cancer patients and associations with end-of-life treatment preferences and quality of life. *Journal of Clinical Oncology*, 25(5), 555–560. <https://doi.org/10.1200/JCO.2006.07.9046>
- Borges, R. S. P. C. (2015). *A religião em psicoterapia: experiências de terapeutas com clientes religiosos* [Dissertação de Mestrado, ISPA].
- Byrnes, J. F. (1984). *The Psychology of Religion*. The Free Press - Macmillan.
- Caribé, A. C., Nunez, R., Montal, D., Ribeiro, L., Sarmiento, S., Quarantini, L. C., & Miranda-Scippa, Â. (2012). Religiosity as a protective factor in suicidal behavior. *Journal of Nervous & Mental Disease*, 200(10), 863–867. <https://doi.org/10.1097/NMD.0b013e31826b6d05>
- Carvalho, C. C., Chaves, E. C. L., Lunes, D. H., Simão, T. P., Grasselli, C. S. M., & Braga, C. G. (2014). Effectiveness of prayer in reducing anxiety in cancer patients. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(4), 684–690. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000400016>
- Cunha, V. F., & Scorsolini-Comin, F. (2019). A dimensão da religiosidade/espiritualidade na prática clínica: revisão integrativa da literatura científica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35419>
- Danziger, K. (1983). Origins and basic principles of Wundt's Völkerpsychologie. *British Journal of Social Psychology*, 22(4), 303–313. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1983.tb00597.x>
- Demo, P. (2004). *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Tempo Brasileiro.
- Egg-Serra, A. P. (2021). *Inserção da espiritualidade/religiosidade na formação de profissionais de psicologia no Brasil*. Universidade Federal do Paraná.
- Egg-Serra, A. P., & Holanda, A. F. (2022). Narrativas sobre ciência e religião e seu impacto na formação em psicologia. *Revista Pistis Praxis*, 14(3), 913–937. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.14.003.AO04>
- Egg-Serra, A. P., Holanda, A. F., Pereira, K. C. L., & Sudaro, F. K. D. (2022). Silêncio que fala: espiritualidade/religiosidade nos currículos de psicologia em universidades públicas brasileiras. In A. F. Holanda (Ed.), *Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: diálogos e pesquisas* (pp. 15–45). Fi. <https://doi.org/10.22350/9786559174966>

- Fizzotti, E. (2000). Invito alla leitura degli scritti del giovane Frankl. In V. E. Frankl (Ed.), *La radici della logoterapia: scritti giovanili 1923-1942* (pp. 5–15). Libreria Ateneo Salesiano.
- Flournoy, T. (1902). Les principes de la psychologie religieuse. *Archives de Psychologie*, 2, 33–57.
- Flournoy, T. (1903). Observations de psychologie religieuse. *Archives de Psychologie*, 2, 326–371.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia* (R. Bittencourt Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia* (J. Miltre Trad.). Papirus. (Trabalho original publicado em 1981).
- Frankl, V. E. (2014). *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1986).
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus* (2a ed., W. O. Schlupp & H. H. Reinhold Trad.). Sinodal/Vozes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Frankl, V. E. (2018a). *Em busca de sentido* (49a ed., W. O. Schlupp & C. C. Aveline Trad.). Sinodal/Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (2018b). *Psicoterapia para todos* (3a ed., A. E. Allgayer Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1955).
- Frankl, V. E. (2019). *Psicoterapia e sentido da vida* (7a ed., A. M. de Castro Trad.). Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (2020). *A vontade de sentido* (I. S. Pereira Trad.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1969).
- Freitas, M. H. (2014). Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis Praxis*, 6(1), 89–105. <https://doi.org/10.7213/PP.V6I1.13046>
- Freitas, M. H. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade. In M. R. G. Esperandio & M. H. de Freitas (Eds.), *Psicologia da religião no Brasil* (pp. 61–76). Juruá.
- Giovanetti, J. P. (2002). Religião e subjetividade contemporânea. In J. MacDowell (Ed.), *Saber filosófico, história e transcendência* (pp. 287–298). Loyola.
- Gonçalves, J., Lucchetti, G., Leão, F. C., Menezes, P. R., & Vallada, H. (2015). Avaliação da prática de terapia complementar espiritual/religiosa em saúde mental. *Revista Debates em Psiquiatria*, 5(6), 21–27. <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2015.v5.152>
- Gonçalves, J. P. B., Lucchetti, G., Menezes, P. R., & Vallada, H. (2015). Religious and spiritual interventions in mental health care: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled clinical trials. *Psychological Medicine*, 45(14). <https://doi.org/10.1017/S0033291715001166>
- Gould, S. J. (2002). *Pilares do tempo: ciência e religião na plenitude do tempo*. Roco.
- Greenwood, J. D. (2003). Wundt, Völkerpsychologie, and experimental social psychology. *History of Psychology*, 6(1), 70–88. <https://doi.org/10.1037/1093-4510.6.1.70>
- Guimarães, H. P., & Avezum, Á. (2007). O impacto da espiritualidade na saúde física. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34, 88–94. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700012>
- Haas, P. J. (2009). Confissões de um cientista teólogo. *Teologando: Revista Teológica*, 3, 41–48.
- Hall, G. S. (1904). *Adolescence: its psychology and its relations to psychology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* (2 Vols.). Appleton.
- Hall, G. S. (1917). *Jesus, the Christ, in the light of psychology*. Doubleday.
- Hefti, R. (2019). Integrando espiritualidade no cuidado com a saúde mental, psiquiatria e psicoterapia (H. August & P. L. T. Santos Trad.). *Interação em Psicologia*, 23(2), 308–321. <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.68486>
- Holanda, A. F., & Pereira, K. C. L. (2020). Religião e espiritualidade no campo da saúde: questões para a educação superior. *Paralellus Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 11(28), 619. <https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n28.p619-640>
- James, W. (1902). *The varieties of religious experience: a study of human nature*. Longman.

- Jammer, M. (2000). *Einstein e a religião: física e teologia*. Contraponto.
- Kleiman, E. M., & Liu, R. T. (2014). Prospective prediction of suicide in a nationally representative sample: religious service attendance as a protective factor. *British Journal of Psychiatry*, 204(4), 262–266. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.113.128900>
- Koenig, H. G. (2012a). *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. L&PM. https://books.google.com.br/books/about/Medicina_religião_e_saúde.html?id=SsZjQ7vc3SEC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Koenig, H. G. (2012b). Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*, 2012, 1–33. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Koenig, H. G., King, D. E., & Carson, V. B. (2012). *Handbook of religion and health* (2nd ed). Oxford University Press.
- Lancuna, A. C., Prince, K. A., D'Angelis, C. E. M., Magalhães, N. P., Santos, A. L., Santo, L. R. E., Oliveira, C. C., Carvalho, M. A., & Urzedo, A. B. D. L. (2021). Religiosidade e espiritualidade no enfrentamento da ansiedade, estresse e depressão. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(2), 5441–5453. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-116>
- Lucchetti, G., Koenig, H. G., Pinsky, I., Laranjeira, R., & Vallada, H. (2015). Spirituality or religiosity: is there any difference? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 37(1), 83–84. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2014-3610>
- Lucchetti, G., Lucchetti, A. L., & Peres, M. F. P. (2015). Religiousness and headache: Is there a relation? Results from a representative sample of adults living in a low-income community. *Cephalalgia*, 35(3), 240–247. <https://doi.org/10.1177/0333102414539054>
- Lukas, E. (1989a). *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. Loyola.
- Lukas, E. (1989b). *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Vozes.
- Lukas, E. (1992). *Assistência logoterapêutica: transição para uma psicologia humanizada*. Sinodal/Vozes.
- Machado, F. R., Piasson, D. L., & Michel, R. B. (2019). Mapeamento da psicologia da religião no Brasil. In M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. de Freitas, & K. L. Ladd (Eds.), *Psicologia cognitiva da religião no Brasil* (pp. 41–71). CRV.
- Machado, J. L. C., & Holanda, A. F. (2016). Religiosidade e bem-estar psicológico no contexto da clínica psicoterápica: um estudo fenomenológico. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti, & S. H. N. Pereira (Eds.), *Psicologia, religião e espiritualidade* (pp. 63–83).
- Marques, L. F. (2017). Religiosidade/espiritualidade na educação e na saúde: ensino e extensão. *Revista Pistis Praxis*, 9(1), 189–203. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/7265/7139>
- Miguez, E. M. (2014). *Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. Paulus.
- Moreira-Almeida, A., & Koenig, H. G. (2008). Religiousness and spirituality in fibromyalgia and chronic pain patients. *Current Pain and Headache Reports*, 12(5), 327–332. <https://doi.org/10.1007/s11916-008-0055-9>
- Moreira-Almeida, A., Koenig, H. G., & Lucchetti, G. (2014). Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(2), 176–182. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>
- Moreira-Almeida, A., & Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, 68(1), 54–57. <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>
- Moreira-Almeida, A., Sharma, A., Rensburg, B. J., Verhagen, P. J., & Cook, C. C. H. (2016). WPA position statement on spirituality and religion in psychiatry. *World Psychiatry*, 15(1), 87–88. <https://doi.org/10.1002/wps.20304>
- Mosqueiro, B. P., Rocha, N. S., & Fleck, M. P. A. (2015). Intrinsic religiosity, resilience, quality of life, and suicide risk in depressed inpatients. *Journal of Affective Disorders*, 179, 128–133. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.03.022>

- Murakami, R., & Campos, C. J. G. (2012). Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(2), 361–367. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200024>
- Neubern, M. D. S. (2013). O que significa acolher a espiritualidade do outro? Considerações de uma clínica Ethnopsy. In M. H. Freitas, G. J. Paiva, & C. C. Moraes (Ed.), *Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade* (pp. 145–183). EdUCB.
- Numbers, R. L. (2020). *Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. Thomas Nelson Brasil.
- Oliveira, F. H. A. O., Peteet, J. R., & Moreira-Almeida, A. (2021). Religiosity and spirituality in psychiatry residency programs: why, what, and how to teach? *Brazilian Journal of Psychiatry*, 43(4), 424–429. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-1106>
- Otto, R. (2007). *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Sinodal/Vozes.
- Paiva, G. J. (2001). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. Loyola.
- Paiva, G. J. (2002). Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 561–567. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000300010>
- Paiva, G. J. (2004). Psicologias da religião na Europa, revisitadas. In A. F. Holanda (Ed.), *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (pp. 37–46). Átomo.
- Paiva, G. J. (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In M. M. AmatuZZi (Ed.), *Psicologia e espiritualidade* (pp. 119–130). Paulus.
- Paiva, G. J. (2021). Princípios de psicologia da religião. In F. M. T. Pereira, C. C. Braghetta, P. A. S. Andrade, & T. P. Branco (Eds.), *Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde* (pp. 57–71). Atheneu.
- Paiva, G. J., & Freitas, M. H. (2019). História, estado atual e perspectivas da Psicologia da Religião no Brasil. In M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. Freitas, & K. L. Laad (Eds.), *Psicologia cognitiva da religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras* (pp. 21–39). CRV. <https://doi.org/10.24824/978854443805.3>
- Paloutzian, R. F. (2003). Psychology of, and, for, in and against religion (and spirituality?): pragmatism works. *Psychology of Religion Newsletter - American Psychological Association Division 36*, 28(2), 17–19.
- Panzini, R. G., Rocha, N. S., Bandeira, D. R., & Fleck, M. P. A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34, 105–115. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>
- Pargament, K. I. (2011). *Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred*. The Guilford Press.
- Paulino, P. R. V. (2019). *Religiosidade/espiritualidade em uma amostra nacional de psicólogos brasileiros: perfil e implicações na prática profissional* [Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Juiz de Fora].
- Pereira, F. M. T., Braghetta, C. C., Andrade, P. A. S., & Branco, T. P. (2021). *Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde*. Atheneu.
- Pereira, I. S. (2009). *A ética do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará]. <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6523/1/2009-DIS-ISPEREIRA.pdf>
- Pereira, I. S. (2015). Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 26(3), 390–396. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140036>
- Pereira, I. S. (2017). *O pensamento filosófico de Vioktor Frankl: mundo, homem e Deus* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28430/3/2017_tese_ispereira.pdf
- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis Praxis*, 8(2), 385–413. <https://doi.org/10.7213/PP.V8I2.1405>

- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2017). Religiosidade e formação em psicologia: sentidos e ambiguidades na percepção de estudantes. In M. A. G. S. Pan, L. Albanese, & N. L. Ferrarini (Eds.), *Psicologia & educação superior: formação e(m) prática* (pp. 187–204). Juruá.
- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. *Interação em Psicologia*, 23(2), 222–235. <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.65373>
- Peres, J. F. P., Mercante, J. P. P., & Nasello, A. G. (2005). Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 27(2), 131–138. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082005000200003>
- Peres, J. F. P., Simão, M. J. P., & Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(suppl. 1), 136–145. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700017>
- Peteet, J. R. (2012). Spiritually integrated treatment of depression: a conceptual framework. *Depression Research and Treatment*, 2012, 1–6. <https://doi.org/10.1155/2012/124370>
- Rodrigues, L. A., & Barros, L. A. (2009). Sobre o fundador da logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à Psicologia. *Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais e Saúde*, 36(1), 11–31. <http://dx.doi.org/10.18224/est.v36i1.1016>
- Safra, G. (2001). Rei, sacerdote, profeta: historicidade, religiosidade e subjetividade. *Memorandum*, 1, 33–40. <https://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/artigo03.pdf>
- Sanchez, Z. M., & Nappo, S. A. (2007). A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34, 73–81. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700010>
- Silva, A. J. H. (2014). *Metodologia de pesquisa: conceitos gerais*. Gráfica Unicentro.
- Silva, R. P., Souza, P., Nogueira, D. A., Moreira, D. S., & Chaves, E. C. L. (2013). Relação entre bem-estar espiritual, características sociodemográficas e consumo de álcool e outras drogas por estudantes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(3), 191–198. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000300003>
- Siqueira, J., Fernandes, N. M., & Moreira-Almeida, A. (2019). Association between religiosity and happiness in patients with chronic kidney disease on hemodialysis. *Brazilian Journal of Nephrology*, 41(1), 22–28. <https://doi.org/10.1590/2175-8239-jbn-2018-0096>
- Starbuck, E. D. (1899). *The psychology of religion: an empirical study of the growth of religion consciousness*. Scribner's Sons.
- Stroppa, A., & Moreira-Almeida, A. (2013). Religiosity, mood symptoms, and quality of life in bipolar disorder. *Bipolar Disorders*, 15(4), 385–393. <https://doi.org/10.1111/bdi.12069>
- Viktor Frankl Institut. (n.d.). *Viktor Frankl - Biography*. Retrieved March 25, 2021, from <https://www.univie.ac.at/logotherapy/biography.html>
- Vitorino, L. M., Marins, L. S., Lucchetti, A. L. G., Santos, A. E. O., Cruz, J. P., Cortez, P. J. O., & Lucchetti, G. (2018). Spiritual/religious coping and depressive symptoms in informal caregivers of hospitalized older adults. *Geriatric Nursing*, 39(1), 48–53. <https://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2017.06.001>
- WHOQOL SRPB Group. (2006). A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. *Social Science & Medicine*, 62(6), 1486–1497. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.08.001>
- Wittgenstein, L. (1961). *Notebooks 1914-1916*. Basil Blackwell.
- Xausa, I. A. M. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Vozes.
- Xausa, I. A. M. (2017). Introdução à edição brasileira. In V. E. Frankl (Ed.), *A presença ignorada de Deus*. Sinodal/Vozes.